



**Adieliton Tavares Cezar**

*Centro Universitário Celso Lisboa (UCL - Rio  
de Janeiro)*

atcezar@outlook.com

## **GESTALTPEDAGOGIA: UM CAMINHO TRILHADO NA INTERSUBJETIVIDADE**

---

### **RESUMO**

A intenção central deste estudo é ser um divulgador da Gestaltpedagogia, introduzindo-a como uma proposta educacional para a formação e desenvolvimento dos envolvidos. Este artigo tem por objetivo apresentar esta abordagem em sua dimensão histórica, apontando suas influências, meta e postura. A metodologia utilizada foi uma revisão narrativa de literatura. Foi possível constatar a importância de criar, a partir da necessidade dos alunos, e de enxergá-los como centro do processo de ensino e aprendizagem, enunciando a intersubjetividade como elemento principal do ensino gestaltpedagógico e por meio do qual a aprendizagem e o desenvolvimento acontecem.

**Palavras-chave:** Gestalt-terapia. Gestaltpedagogia.  
Intersubjetividade.

## **GESTALT PEDAGOGY: A TRILATED ROAD IN INTERSUBJECTIVITY**

---

### **ABSTRACT**

The central intention of this study is to be a promoter of Gestalt pedagogy, introducing it as an educational proposal for the formation and development of those involved. This article aims to present this approach in its historical dimension, pointing out its influences, goal and posture. The methodology used was a narrative review of literature. It was possible to see the importance of creating from the students' needs and seeing them as the center of the teaching and learning process, stating intersubjectivity as the main element of gestaltpedagogical teaching and by which learning and development take place.

**Keywords:** Gestalt therapy. Gestalt pedagogy. Intersubjectivity.

**Submetido em:** 25/08/2017

**Aceito em:** 30/03/2018

**DOI:** 10.28998/2175-6600.2018v10n20p143

## 1 INTRODUÇÃO

A Educação é um cenário complexo, por isso, durante anos, profissionais têm-se dedicado a estudar, repensar e refazer as práticas educacionais. Devido a essas inquietações, surgiram diversas abordagens e propostas pedagógicas. Neste trabalho, uma destas abordagens emerge com o tema: a Gestaltpedagogia.

A Gestaltpedagogia é uma abordagem pedagógica desenvolvida na década de 1970 por Hilarion Petzold. Quando se fala em Gestaltpedagogia é imprescindível abordar a relação professor-aluno, relação esta que, na escola tradicional, por vezes, ainda se mantém cristalizada, rígida, autoritária. Parte daí a importância de discutir novas propostas de educação, propostas capazes de enxergar o aluno como um ser humano total, capaz, ativo e responsável.

As questões norteadoras do trabalho foram: o que é Gestaltpedagogia e qual é o processo dessa abordagem? Pautando-se nestas questões, o objetivo deste trabalho é divulgar a Gestaltpedagogia, apresentando esta abordagem em seu histórico, influências, meta e postura. Complementando, a visão do processo de aprendizagem e manejo das dificuldades também serão apresentadas.

Para alcançar o objetivo proposto neste estudo, foi utilizada a revisão narrativa de literatura, utilizando livros, artigos científicos e dissertações. Contribuições dos principais autores da Gestalt-terapia e de importantes estudos no campo da Gestaltpedagogia se fazem presentes no decorrer deste trabalho.

Com consciência das contribuições desta abordagem para o processo educacional, é relevante destacar que este estudo é introdutório à abordagem. Assim, desvelam-se possibilidades de ampliação do mesmo, objetivando uma discussão mais aprofundada e específica do tema.

## 2 DA GESTALT-TERAPIA À GESTALTPEDAGOGIA

A Gestalt-terapia é uma abordagem teórico-metodológica da Psicologia, que surge oficialmente em 1951 com a publicação do livro "*Gestalt-therapy: excitement and growth in the human personality*" (no Brasil: "Gestalt-terapia"), sob autoria de Frederick Perls, Paul Goodman e Ralph Hefferline (FRAZÃO, 2013). Apesar de oficializada em 1951, Ginger (2007) defende que a concepção da abordagem ocorre em 1942 com a publicação da primeira obra de Perls: "*Ego, hunger and aggression*" (Ego, fome e agressão).

Embora Perls seja o principal expoente dessa abordagem, a Gestalt-terapia tomou forma e se desenvolveu com as contribuições do chamado “Grupo dos Sete”, composto por Perls e sua esposa Laura Perls, Paul Goodman, Paul Weisz, Isadore From, Sylvester Eastman e Elliot Shapiro. Este grupo reunia-se para discutir as ideias de Perls e as teorias que influenciaram diretamente a Gestalt-terapia (FRAZÃO, 2013).

A abordagem Gestáltica chega ao Brasil nos primeiros anos da década de 1970, por Thérèse Tellegen. Tellegen foi quem publicou o primeiro artigo da abordagem em terras brasileiras, sob o título “Elementos da Psicoterapia Gestáltica”, no ano de 1972 (ANDRADE, 2007). Tellegen juntamente com Jean Clark Juliano foram responsáveis pelo desenvolvimento de um grupo de estudos sobre Gestalt-terapia baseado na obra de Perls, Hefferline e Goodman no ano de 1973 (HOLANDA; KARWOWSKI, 2004). Contudo, foi apenas em 1997 que esta obra foi traduzida para o Português (FRAZÃO, 2013).

*Gestalt* é um termo alemão que pode ser traduzido como “forma”. “O verbo *gestalten* significa pôr em forma, dar uma estrutura significativa” (GINGER, 2007, p.15). De acordo com Andrade (2007, p.110), *Gestalt* “é a configuração de algo que toma forma ao se completar”. Cezar e Figueredo (2014) definem como um todo estruturado e com sentido perceptual, cognitivo, afetivo e social.

O objetivo da Gestalt-terapia é anunciado por Perls (1977) como integração. Para ele, esse objetivo deve pautar-se nos reais interesses, desejos e necessidades da pessoa. Para conseguir a integração, a Gestalt-terapia propõe a ampliação da *awareness*. *Awareness* pode ser definida como uma tomada de consciência plena no momento presente. É um processo de compreensão, de união de partes em um todo com significado. É um meio de atualização, sempre disponível. Este processo requer atenção à percepção pessoal, corporal, emocional, interior e exterior (GINGER; GINGER, 1995; POLSTER; POLSTER, 2001).

A Gestalt-terapia tem sua visão de homem e de mundo orientadas pelo Existencialismo e Humanismo. A Fenomenologia é seu método de trabalho e utiliza a Relação Dialógica como postura. Suas influências diretas são a Psicologia da *Gestalt* de Max Wertheimer, Wolfgang Köhler e Kurt Kofka; da Teoria Organísmica Holística de Kurt Goldstein e da Teoria de Campo de Kurt Lewin (ANDRADE, 2007).

A visão guiada pelo Existencialismo considera que o ser humano é aquilo que se faz em seu processo de existir, sendo sua essência determinada por suas escolhas. Desse modo, o homem é responsável pelo que é (SARTRE, 2010). A proposta da Gestalt-terapia embasada no existencialismo é a de auxiliar o consulente a conscientizar-se de seu projeto

de vida, responsabilizando-se por sua maneira de existir. Este trabalho pauta-se no respeito às potencialidades e limitações da pessoa (CARDOSO, 2013).

A influência do Humanismo na Gestalt-terapia está na visão positiva do ser humano, na crença em sua capacidade de crescimento, autorregulação e autogestão. Através do Humanismo, busca-se a compreensão empática e aceitação pela pessoa que se apresenta, tal como se apresenta, permitindo que seja quem realmente é (MENDONÇA, 2013).

A Fenomenologia é um método de trabalho que busca a compreensão por meio daquilo que se manifesta sem utilizar a interpretação do observador, deixando de lado ideias pré-concebidas (YONTEF, 1998). Esse método, na psicoterapia, objetiva uma percepção nítida do que se manifesta no exato momento em que o consulente se expressa em uma sessão. Müller-Granzotto e Müller-Granzotto (2012, p.118) definem como “uma atitude de concentração naquilo que se mostra desde si” e acrescentam que é uma postura do psicoterapeuta para enxergar aquilo que se apresenta como óbvio, mas não necessariamente consciente. Yontef (1998, p.218) enuncia que “a exploração fenomenológica objetiva uma descrição cada vez mais clara e detalhada do que é; e desenfatar o que seria, poderia ser e foi”.

A postura dialógica foi proposta por Martin Buber e, para compreendê-la é preciso recorrer às duas atitudes fundamentais de contato entre homem e mundo defendidas por esse autor: Eu-Tu e Eu-Isso. A atitude Eu-Tu baseia-se em um contato genuíno e sem qualquer fim utilitário. Para Jacobs (1978 *apud* YONTEF, 1998, p.241) ela é “a forma de contato mais profundamente desenvolvida”. Hycner (1995, p.68) defende que o que importa nesta postura é “a abertura e intenção com que uma pessoa encontra a outra”. De acordo com Mendonça e Costa (2012, p.98) trata-se de “um momento de presença, no qual a totalidade de um fala à totalidade do outro, posto que o encontro não se acha parcializado por nenhum objetivo”. Já a atitude Eu-Isso intenciona um propósito, um objetivo. Nela o homem busca um conhecimento, uma meta, uma experiência ou qualquer coisa utilitária. Segundo Mendonça e Costa (2012, p. 99), “É uma atitude de conhecimento e de utilização de meios para a consecução de certos fins”. Logo, as atividades científicas e tecnológicas são favorecidas pelo Eu-Isso, tendo, portanto, grande relevância para a sobrevivência e progresso da humanidade.

Por meio da atitude Eu-Tu é que ocorre a postura dialógica, caracterizada como uma relação horizontal, um encontro genuíno onde há o desejo de encontrar o outro como pessoa, sem metas pré-estabelecidas. Nessa postura, as pessoas são vistas e confirmadas como seres singulares e em suas totalidades existenciais (HYCNER, 1995; YONTEF, 1998; MENDONÇA; COSTA, 2012). Hycner (1995, p.68) enfatiza que “o dialógico não é algo que

ocorre dentro de uma pessoa, mas sim uma experiência ‘misteriosa’ que ocorre na esfera entre uma pessoa e outra” desde que elas estejam abertas a tal relação.

Os principais conceitos da Gestalt-terapia fundamentam-se na Psicologia da *Gestalt*, na Teoria Organísmica Holística e na Teoria de Campo. Cezar e Figueredo (2014) apontam que essas teorias se complementam dando à Gestalt-terapia características de processo e interação.

A Psicologia da *Gestalt* emerge no início do século XX, versando principalmente sobre os processos perceptuais, na busca por compreender como a percepção se organiza. Essa abordagem revoluciona as teorias sobre percepção quando afirma que o todo é diferente da soma das partes. Dessa forma, uma *Gestalt* não é meramente a soma das partes que a constitui. Se houver uma alteração em qualquer parte do todo, haverá uma reconfiguração, resultando em um todo diferente. Assim, faz-se necessário um olhar holístico capaz de perceber as partes e a configuração final (FRAZÃO, 2013; ARAÚJO, 2012; GINGER; GINGER, 1995).

A Teoria Organísmica Holística, elaborada por Kurt Goldstein, considera a totalidade como fundamental para a compreensão do funcionamento humano (ALVIM, 2012). De acordo com Alvim (2012) e Lima (2012) a Psicologia da *Gestalt* foi fortemente influenciada pelo trabalho de Goldstein, que defendeu que qualquer sintoma que afete uma parte, afeta também o todo.

Na Teoria Organísmica Holística, o indivíduo é visto como um todo que está em interação com o meio, e, nesta interação, é capaz de descobrir seus limites e suas possibilidades (FUKUMITSU, 2012). Alvim (2012) destaca o caráter ativo do organismo, pois este é capaz de escolher dentre os diversos possíveis do meio, formas de reagir visando à autorregulação. Complementando, Lucca (2012) expõe que é através dessa relação que o organismo seleciona o que necessita e deixa o que não é necessário. Pela Teoria Organísmica Holística, o sintoma passa a ser visto como uma tentativa de adaptação, sendo uma manifestação corpo/mente na busca por equilíbrio (LIMA, 2012; FUKUMITSU, 2012).

Segundo a Teoria de Campo proposta por Kurt Lewin (1973, p. 29, *apud* Rodrigues, 2013, p. 120), o campo é “o espaço vital psicológico onde a totalidade dos fatos determina o comportamento do indivíduo em um certo momento”. O campo é composto por duas regiões que interagem e se influenciam: indivíduo e ambiente. É desSa interação que emergem os comportamentos (FUKUMITSU, 2012; RODRIGUES, 2012; YONTEF, 1998). O indivíduo é um campo inserido em um campo maior (espaço de vida) onde tensões

acontecem (RODRIGUES, 2012). De acordo com Rodrigues (2013) a tensão move o indivíduo para a busca de um equilíbrio, assim, o campo é o espaço onde a tensão flui.

Por meio dessas influências e partindo destes conceitos básicos, surge a Gestaltpedagogia, que é uma abordagem pedagógica desenvolvida inicialmente por Hilarion Petzold na década de 1970. Como seus princípios são fundamentados na Gestalt-terapia, logo, fundamenta-se na Psicologia Humanista e na Filosofia Existencial, utilizando a Fenomenologia como método de trabalho (LILIENTHAL, 2012).

Essa abordagem teve um amplo desenvolvimento nos últimos anos, especialmente em países de língua alemã. Entretanto, no Brasil, apenas recentemente a Gestaltpedagogia começou a despertar o interesse de profissionais da saúde e da educação (LILIENTHAL, 2012).

Burow e Scherpp (1985, p. 109) apontam que o objetivo principal da Gestaltpedagogia é “possibilitar ao indivíduo o desenvolvimento completo de suas capacidades e de todo seu potencial”. Dessa forma, esses autores defendem que o objetivo abrangente da abordagem é permitir ao indivíduo a formação de suas próprias habilidades e capacidades, a realização dos próprios potenciais e a capacidade de livrar-se dos bloqueios que podem dificultar este processo.

Segundo Lilienthal (2012, p. 136):

A Gestaltpedagogia tem, antes de mais nada, uma grande preocupação com a formação dos indivíduos. A aprendizagem das disciplinas ocorre a partir do momento em que o aluno se encontra bem consigo mesmo, respeitando-se e sendo respeitado, condição que o deixará, naquele momento, nas melhores condições possíveis de aprendizagem.

Para Costa (2002, p.20) “o processo educativo é uma forma do homem relacionar-se com o mundo”. Nesse sentido, não deve pautar-se exclusivamente em aspectos intelectuais e conteudistas. No ensino orientado pela Gestaltpedagogia, a aprendizagem acontece com a interpretação de conteúdos psicológicos e com matérias e didática que se pautam na centralização da pessoa, nos princípios metodológicos da *Gestalt*, envolvendo aspectos específicos, psicológicos e político-sociais (MOREIRA; FERREIRA; COSTA, 2007). O aspecto específico relaciona-se com o conteúdo das disciplinas e sua relação com o todo e com o campo dos alunos. A história de vida do aluno, assim como o grupo e sua dinâmica e a situação atual individual referem-se aos aspectos psicológicos. Todas as condições em que o ensino acontece e que exercem influência nos alunos, nos professores e nas instituições caracterizam-se como aspectos político-sociais (COSTA, 2002). Dessa forma, faz-se visível que essa abordagem busca uma metodologia que considere os

campos afetivos e cognitivos da aprendizagem, objetivando incluir neste processo o tema, o indivíduo e o grupo.

Para que o ensino gestaltpedagógico aconteça, é necessário um comportamento diferente por parte dos professores. O comportamento do professor apresenta-se em sua personalidade e habilidades, e ambas devem ser desenvolvidas. A modificação do comportamento do professor deve orientar-se para a modificação da relação interpessoal entre professor e aluno, o *sine qua non* da Gestaltpedagogia (COSTA, 2002; BUROW; SCHERPP, 1985).

Ribeiro (2007, p.4) enuncia que “o homem se revela nas relações que trava no mundo, tanto naquilo que faz e empreende, quanto no trato com o outro. Viver significa participar de um entrelaçamento, uma rede imbricada que origina o tecido de relações no mundo”. A autora prossegue afirmando que não existimos encapsulados dentro de um corpo, mas sim, experienciamos nosso viver como seres humanos inteiros sempre em relação. Sendo assim, “viver é, fundamentalmente, conviver” (RIBEIRO, 2007, p.4).

É sobre este conviver que Besems (1977 apud BUROW; SCHERPP, 1985) escolhe o termo intersubjetividade para designar a postura relacional da Gestaltpedagogia. Tal postura é fruto do contato genuíno e pauta-se na relação Eu-Tu proposta inicialmente por Buber. Para Burow e Scherpp (1985, p.120) a intersubjetividade significa:

Ver e aceitar o aluno meramente em sua existência como ser humano, entendendo-o como premissa para o desenvolvimento de um clima de confiança mútua, franqueza e autenticidade de comunicação na sala de aula. A relação subjetiva entre aluno e professor significa que este compreende e trata aquele como ser humano total [...] não tratando o aluno como ser humano somente em sua função de aluno [...] significa que o aluno, como ser humano, é uma unidade orgânica de sentir, pensar e agir (suposição gestáltica da unidade corpo-alma-mente do ser humano) que sempre está presente, portanto também na sala de aula e que, consequentemente precisa ser levada em conta no evento da aula.

A intersubjetividade é entendida na Gestaltpedagogia como “a capacidade de o professor compreender e tratar o ser humano na sua totalidade existencial” (COSTA, 2002, p.64), logo, o aluno deixa de ser visto apenas em seu papel de aluno e passa a ser visto, reconhecido e aceito em sua totalidade. Assim sendo, ao assumir a postura da intersubjetividade, o professor passa a estabelecer contato com o aluno de forma horizontal, franca e congruente. Nesta postura, mais importante que os objetivos da aula é a relação estabelecida entre professor e aluno. Sendo assim, o contato deve ser autêntico e acontecer de pessoa a pessoa, e não através do tema da aula. Partindo dessa mudança de postura, conforme Burow e Scherpp (1985, p. 120), a principal questão para o professor deixa de ser “como transmitirei da melhor forma meus conhecimentos? para como irei conseguir realizar a intersubjetividade com meus alunos?”.

Assim, há uma crítica à postura do professor que se coloca como um cientista especializado e sem emoções. Na Gestaltpedagogia o professor deve, tanto quanto for possível, ser autêntico, congruente. Para isto, é necessário um contato intra e interpessoal (consigo e com a classe). Como o trabalho se desenvolve a partir da intersubjetividade, as dificuldades não são atribuídas apenas aos alunos. O professor deve ser capaz de encontrar a sua responsabilidade nelas (BUROW; SCHERPP, 1985).

Cohn (1975 *apud* BUROW; SHCERPP, 1985, p.116) aponta que as dificuldades são uma realidade e que “não pedem licença, estão aí: como a dor, a alegria, o medo, a distração [...]”, e a questão é saber como trabalhar com elas. No contexto escolar, as dificuldades que podem emergir em sala de aula são diversas e encontram-se tanto em termos de aprendizagem quanto de relacionamento e/ou comportamento. Nesse sentido, a postura proposta é que ao invés de reprimi-las, haja um trabalho com elas. O que geralmente acontece é que os professores lutam contra as dificuldades, não dando espaço para discuti-las e compreendê-las. Tais dificuldades, segundo Burow e Scherpp (1985, p. 116) são geralmente atribuídas à “falta de disciplina da classe e dificuldade disciplinar do professor com a classe e, no tocante à matéria, de dificuldades motivacionais”. Costa (2002) expõe que pela postura gestáltica e fenomenológica, o fenômeno que se apresenta exprime algo a ser compreendido. Dessa maneira, uma dificuldade não é, ela significa algo. Tal significado será buscado por meio de uma descrição detalhada, dando voz às dificuldades, buscando seu entendimento por meio da relação genuinamente estabelecida.

Outro aspecto fundamental para o ensino alicerçado na Gestaltpedagogia é o desenvolvimento da personalidade dos alunos. Quando o aluno é visto como uma totalidade, ou seja, corpo-alma-mente, não pode ser formado e estimulado apenas intelectualmente, mas deve também ser estimulado emocional e fisicamente (BUROW; SCHERPP, 1985).

Com base nessas raízes, a meta da Gestaltpedagogia é criar partindo das necessidades dos alunos, enxergando-os como o centro, como um ser de possibilidades e responsabilidades. Esse é o caminho proposto pela Gestaltpedagogia para uma relação intersubjetiva e, conseqüentemente, para a aprendizagem (MOREIRA; FERREIRA; COSTA, 2007).

### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O presente estudo teve como objetivo abordar a Gestaltpedagogia em sua constituição histórica, suas principais influências, a meta e a postura exigida nesta

abordagem. Foi utilizada, para este propósito, uma revisão narrativa de literatura. Apresentou-se, além disso, a visão do processo de aprendizagem e manejo das dificuldades conforme a ótica dessa abordagem. Evidenciou-se a necessidade da mudança de postura na relação professor e aluno para que o ensino gestaltpedagógico possa acontecer.

Foi demonstrado que a Gestaltpedagogia é uma abordagem pedagógica que visa ao desenvolvimento do indivíduo em sua totalidade, tendo sua fundamentação na Psicologia Humanista e na Filosofia Existencial. Essa abordagem coloca o aluno como centro e enxerga-o como um ser de possibilidades e responsabilidade. Essa postura é o princípio para a construção de uma relação intersubjetiva, aspecto principal na visão desta abordagem para o processo de aprendizagem.

Na contemporaneidade, onde a educação exerce um papel primordial no desenvolvimento dos indivíduos, a instituição escola não realiza toda a sua potencialidade, pois na maioria das vezes não consegue enxergar a totalidade do ser humano que se apresenta como aluno. É preciso compreender que educar consiste em auxiliar o educando a descobrir a si mesmo. Cabe à escola fornecer um ambiente adequado para o aluno se desenvolver, manifestar-se e realizar suas potencialidades. É importante ressaltar que para que ocorra o desenvolvimento dos alunos, é necessário o desenvolvimento dos professores. Assim, para uma prática gestaltpedagógica, é necessária a formação e competência de bons educadores.

Cientes da relevância da Gestaltpedagogia e da necessidade de mais estudos sobre o tema, destaca-se este trabalho como um estudo introdutório que visa divulgar a abordagem. Espera-se que o presente estudo seja um impulso para novas pesquisas na área, contribuindo com o conhecimento e prática da Gestaltpedagogia para uma abordagem educacional cada vez mais humanista e centrada no desenvolvimento do ser humano.

## REFERÊNCIAS

ALVIM, Mônica Botelho. Teoria Organísmica, organismo, campo organismo/ambiente. *In*: D'ACRI, Gladys; LIMA, Patricia; ORGLER, Sheila. **Dicionário de Gestalt-terapia: "Gestaltês"**. São Paulo: Summus, 2012.

ANDRADE, Celana Cardoso. **A vivência do cliente no processo psicoterapêutico: um estudo fenomenológico na gestalt-terapia**. 2007. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Católica de Goiás, Goiânia.

ARAÚJO, Maria Gercilene Campos de. Figura e fundo. *In*: D'ACRI, Gladys; LIMA, Patricia; ORGLER, Sheila. **Dicionário de Gestalt-terapia: "Gestaltês"**. São Paulo: Summus, 2012.

BUROW, Olaf-Axel; Scherpp, Karlheinz. **Gestaltpedagogia: um caminho para a escola e a educação**. São Paulo: Summus, 1985.

CARDOSO, Claudia Lins. A face existencial da Gestalt-terapia. *In*: FRAZÃO, Lilian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima. (Orgs.). **Gestalt-terapia: fundamentos epistemológicos e influências filosóficas**. São Paulo: Summus, 2013.

CEZAR, Adieliton Tavares; FIGUEREDO, Patrícia da Motta Vieira. Uma compreensão gestáltica sobre as consequências do bullying: um estudo de caso clínico. **Presença**, Rio de Janeiro, v. 1, p. 88-106, 2015.

COSTA, Virginia Elizabeth Suassuna Martins. "A relação professor-aluno a partir da Gestaltpedagogia: a intersubjetividade como elemento significativo para a aprendizagem". 2002. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Católica de Goiás, Goiânia.

FRAZÃO, Lilian Meyer. Um pouco da história... um pouco dos bastidores. *In*: FRAZÃO, Lilian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima. (Orgs.). **Gestalt-terapia: fundamentos epistemológicos e influências filosóficas**. São Paulo: Summus, 2013.

\_\_\_\_\_. Psicologia da Gestalt. *In*: FRAZÃO, Lilian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima. (Orgs.). **Gestalt-terapia: fundamentos epistemológicos e influências filosóficas**. São Paulo: Summus, 2013.

FUKUMITSU, Karina Okajima. **Suicídio e Gestalt-terapia**. São Paulo: Digital Publish & Print, 2012.

GINGER, Serge. GINGER, Anne. **Gestalt: uma terapia do contato**. São Paulo: Summus, 1995.

\_\_\_\_\_. **Gestalt: a arte do contato: nova abordagem otimista das relações humanas**. Petrópolis: Vozes, 2007.

HOLANDA, Adriano Furtado; KARWOWSKI, Silvério Lucio. Produção acadêmica em gestalt-terapia no Brasil: análise de mestrados e doutorados. **Psicologia: ciência e profissão**, Brasília, v. 24, n. 2, p. 60-71, 2004.

Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/pcp/v24n2/v24n2a08.pdf>>. Acesso em: 04 nov. 2016.

HYCNER, Richard. **De pessoa a pessoa**: psicoterapia dialógica. São Paulo: Summus, 1995.

LILIENTHAL, Luiz Alfredo. Gestalt-pedagogia. *In*: D'ACRI, Gladys; LIMA, Patricia; ORGLER, Sheila. **Dicionário de Gestalt-terapia**: "Gestaltês". São Paulo: Summus, 2012.

LIMA, Patricia. Holismo. *In*: D'ACRI, Gladys; LIMA, Patricia; ORGLER, Sheila. **Dicionário de Gestalt-terapia**: "Gestaltês". São Paulo: Summus, 2012.

LUCCA, Fernando de. Autorregulação orgânica. *In*: D'ACRI, Gladys; LIMA, Patricia; ORGLER, Sheila. **Dicionário de Gestalt-terapia**: "Gestaltês". São Paulo: Summus, 2012.

MENDONÇA, Marisete Malaguth. A Psicologia humanista e a abordagem gestáltica. *In*: FRAZÃO, Lilian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima. (Orgs.). **Gestalt-terapia**: fundamentos epistemológicos e influências filosóficas. São Paulo: Summus, 2013.

\_\_\_\_\_.; COSTA, Virginia Elizabeth Suassuna Martins. Eu-Tu e Eu-Isso. *In*: D'ACRI, Gladys; LIMA, Patricia; ORGLER, Sheila. **Dicionário de Gestalt-terapia**: "Gestaltês". São Paulo: Summus, 2012.

MOREIRA, Juliana Arrais de Moraes; FERREIRA, Ludymila Pimenta; COSTA, Virginia Elizabeth Suassuna Martins. Descrição de uma vivência de ensino orientada pela gestaltpedagogia. **Rev. abordagem gestalt.**, Goiânia, v. 13, n. 2, p. 187-194, 2007. Disponível em <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rag/v13n2/v13n2a02.pdf>>. Acesso em: 22 out. 2016.

MÜLLER-GRANZOTTO, Marcos José; MÜLLER-GRANZOTTO, Rosane Lorena. Fenomenologia. *In*: D'ACRI, Gladys; LIMA, Patricia; ORGLER, Sheila. **Dicionário de Gestalt-terapia**: "Gestaltês". São Paulo: Summus, 2012.

PERLS, Frederick Salomon. Gestalt-terapia e potencialidades humanas. *In*: STEVENS, John O. **Isto é Gestalt**. São Paulo: Summus, 1977.

POLSTER, Erving; POLSTER, Miriam. **Gestalt-terapia integrada**. São Paulo: Summus, 2001.

RIBEIRO, Elizabeth da Costa. A perspectiva de intersubjetividade na abordagem gestáltica. **Revista IGT na Rede**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 6, p. 2-5, 2007. Disponível em: <<http://www.igt.psc.br/ojs/viewarticle.php?id=113&layout=html>>. Acesso em: 19 fev. 2018.

RODRIGUES, Hugo Elídio. Teoria de Campo. *In*: D'ACRI, Gladys; LIMA, Patricia; ORGLER, Sheila. **Dicionário de Gestalt-terapia**: "Gestaltês". São Paulo: Summus, 2012.

\_\_\_\_\_. Relações entre a teoria de campo de Kurt Lewin e a Gestalt-terapia. *In*: FRAZÃO, Lilian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima. (Orgs.). **Gestalt-terapia**: fundamentos epistemológicos e influências filosóficas. São Paulo: Summus, 2013.

SARTRE, Jean-Paul. **O existencialismo é um humanismo**. Petrópolis: Vozes, 2010.

YONTEF, Gary. **Processo, diálogo e awareness**: ensaios em Gestalt-terapia. São Paulo: Summus, 1998.